

# A psicanálise do fim do mundo (e sua clínica)<sup>1</sup>

## VI

### Ironia e cinismo

A Clínica do Fim do Mundo seguirá como roteiro a questão central do seminário:

- O fim do mundo seria o fim do objeto resto? Seria o fim da função interpretante do objeto resto?

- O fim do mundo é o fim de um regime discursivo? Seria nesse regime discursivo que se calca a interpretação analítica?

- A interpretação analítica conta com o objeto paradoxal, o objeto *a*, que é o objeto resto ou o objeto causa. O fim do mundo seria então, o fim da função da causa e o fim da função do resto?

Essas frases nos servem de recapitulação. Se isso é verdade, temos que interrogar em nossa clínica, na nossa clínica mais clássica, o que é função do resto e função da causa, como interpretação e como produção de gozo, prazer ou satisfação. A partir dessa interrogação podemos nos perguntar sobre a função do objeto em situações não clássicas.

Temos a diferença entre neurose e psicose para falar do “clássico” e do “não clássico”, assim como também temos maneira como o recalque e a sublimação lidam com o objeto. Dessa forma nos orientamos, digamos, para o campo das manifestações artísticas, porque nele a função do objeto também parece bastante diferente. Para exemplificar, pensemos que não há mais objeto de arte (objeto no pedestal ou na moldura). O que temos são processos e acontecimentos de arte.

Nossa primeira parada, as formações do ICS (a maneira como Lacan categoriza uma série de pesquisas de Freud, que falou de formação do ICS, mas não falou das formações do ICS como uma categoria), das quais Lacan fez o *Seminário 5*, no qual passou um ano questionando as formações do ICS, em especial o chiste.

### O witz

Começamos com o chiste também. Da última vez eu tentei colocar a matriz do *Witz*. Lembrando que, precisamos realmente apreender o que há de satisfação no chiste, o que ficou um pouco escondido na teorização de Lacan no *Seminário 5*: o objeto que aparece no chiste como objeto de satisfação<sup>1</sup>.

Com o capítulo de Freud, *O prazer do chiste*, e a passagem do *Seminário 5*, então eu resumi nessa situação, que é, digamos, a matriz forte do chiste (como Lacan lê Freud), - chiste soa mal; chiste não existe; *Witz* é pedante. Na época da tradução foi escolhido o termo “tirada espirituosa”.

**P-** Por que não ficou piada?

**MAV-** Porque a piada tem sempre uma historinha e a historinha pode ser apenas a piada. O chiste tem uma fabricação de alguma coisa (por exemplo: vendem uma coruja ao invés de um

---

<sup>1</sup> Transcrição do encontro de 17/5/2018 por Gisele Araújo.

papagaio ao português. Depois de um tempo, o português diz que sua ave tem um problema porque não fala, mas presta muita atenção...). Nesse exemplo, não é *Witz*, mas rimos.

Nossa discussão se encaminhará no sentido em que possamos pensar, no sentido da interrogação: será que hoje nós rimos ou perdemos o dom do *Witz*?

Na civilização pós-moderna, se é que ela existe<sup>2</sup>, o tema da modernidade, por exemplo, se há real, já não está em questão. Se nós “arrebentarmos com a tela”, continua tendo efeito de real? Se nós ultrapassarmos a “quarta parede”, continua tendo efeito de real? Essa seria uma questão do séc. XIX: testar os limites da representação. Se havia ou não o real, era a questão. Já, na pós-modernidade, não se está nem aí para o real. Essa poderia ser uma maneira de definir a pós-modernidade, onde não se coloca questões.

Uma das maneiras de conseguir colocar a nossa questão é: seria possível conseguirmos isolar o objeto de satisfação do *Witz*, definido por Freud e por Lacan? Talvez este objeto, talvez este modo de prazer que é o *Witz*, não seja mais a tônica dos nossos risos. Os nossos risos talvez tenham mais a ver com a piada do português. O nosso humor talvez não seja mais de *Witz*. Isso é uma coisa para debatermos muito e testar. Para isso, vamos recapitular então a matriz do *Witz* no *Seminário 5* e em Freud.

Pedi à Elisa para retomar dois exemplos clássicos, “maionese de salmão”<sup>3</sup> e “Cracóvia”<sup>4</sup>.

**P:** Vamos chegar à ironia?

**MAV:** A ironia talvez seja o modo de rir de hoje. Então, Rodrigo Souza Leão (excelente), e outras situações e exemplos que lembraremos aqui, hoje, assim como os memes, estão todos reservados para abordarmos munidos de uma certa compreensão coletiva desse objeto que Lacan tentou isolar no *Seminário 5*, e usamos duas tiradas para pensar: *Peau de sens* (pouco-sentido) e *pas de sens* (passo-de-sentido)<sup>5</sup>.

*Peau de sens* – a ideia de que vivemos num regime de pouco sentido. Não é no sentido de que falte sentido na vida, mas que parece que o simbólico não diz o real. Um regime de falta-a-ser, um regime de “as coisas ainda não chegaram lá”. Esse é o ponto de partida de Lacan. Não do pouco-de-sentido. O que o *Witz* faz, é trazer a experiência do *Pas de sens* (dupla leitura: no sentido de, não - de negação - e de passo), dar um passo de sentido.

Em termos lacanianos, o que o *Witz* faz, é dar o passo. Só que o passo que ele dá não é em direção a um novo sentido; é em direção ao não sentido. Mas que fique claro que o não sentido é uma sensação de apreensão de alguma coisa. Percebemos o não sentido, a linguagem não vai dizer, mas ele está ali, nesse passo que demos. No *Seminário 5* ainda não aparece a noção de objeto, mas podemos acrescentar: com o que nos deparamos é com o objeto que encarna a ausência de sentido (*pas* = não), mas que consegue ser encontrado. Aparece com um nome, como uma brincadeira, aparece com alguma materialidade, mas o efeito de gozo do chiste é encontrarmos aquilo que encarna, que não dá para dizer, mas ao mesmo tempo, é dito.

A marca do *Witz* para Lacan é o encontro com o não sentido como presença. Para isso, é preciso fazer um passo e esse passo é feito com o chiste. Há materialidade. Nesse passo-de-sentido é possível até ganhar um sentido novo, mas ele é secundário. Isso seria como explicar a piada (porque o português é burro e ele confundiu a coruja com o papagaio). O sentido que foi ganho com a piada não foi o sentido que o português é burro; o sentido que foi ganho é o absurdo que é uma coruja ser tomada por um papagaio; e há também um encontro com a falta de sentido, o absurdo que é querermos dizer o real<sup>6</sup>.

Em termos freudianos o *Witz* é construído da seguinte maneira: há alguém (a) que tem o seu recalque - e o recalcado quer se dizer, quer vir à consciência para descarregar; (a), tem uma série de dificuldades para isso, que Freud chama de inibições. Nem tudo poderá passar para a

consciência. Passa segundo a censura. Como tem alguma coisa aqui que quer ser dita, o *Witz* seria uma maneira de dizê-la sem dizer ou dizendo através da censura. Como isso é feito? (a) se coloca no lugar de outro (b). Imagina esse outro (b) recebendo isso que (a) quer dizer (que é o conteúdo recalcado de (a)). O que (b) vai dizer, (b) tem que poder entender. Para isso, (a) tem de combinar esse recalcado com uma coisa universal, que ele (b) tenha; assim, a produz seu *Witz*. Fez todo um trabalho. O seu outro (b), que de fato nem existe, é o público para quem (a) pensa e constrói o *Witz*, o parceiro no chiste. Esse (b) também não vai rir, porque (b) tem de pegar o recalcado e o universal e conjuntá-los, o que também todo um trabalho. Quem vai rir é o terceiro (c), que não teve de passar por esse trabalho: ele (c) recebe algo do recalcado que é tornado público, sem que ele (c) tenha de enfrentar nenhuma inibição sua; (c) já recebe a coisa desinibida. Esse excesso, *lust gewicht*, é mais valia, um lucro de gozo porque (c) não precisa gastar o trabalho de atravessar suas próprias inibições para encontrar a piada. É uma economia de satisfação.

## O chiste é uma economia

O chiste para Freud, em termos econômicos é: torna-se disponível para essa pessoa (c) um gozo, um tanto de prazer que não foi gasto no trabalho de vencer o recalque (porque já está vencido, passando por um outro que nem é (c)). Assim, quem irá rir é (c). O segundo (b) não consegue rir. Vejam a diferença da posição do segundo (b) para o terceiro (c). O segundo está dentro de nós; o segundo (b) se surpreende, tem um efeito e (c) goza. O Riso é a transformação disso em gozo.

Exemplos de chistes:

Ex:1- “Errar é humano, acertar é muçulmano”.

Todo problema é o muçulmano. Qual é a inibição? A inibição é dizer que muçulmano é assassino -embora ninguém aqui ache isso- mas se disser que muçulmano é assassino e acerta o alvo, alguma coisa do ódio aos muçulmanos que destruíram as Torres vence as inibições e pode passar. As inibições dizem que nem todo muçulmano é assassino. Há todo um trabalho em pensar tudo isso e produzir o muçulmano. Só consegue produzir o muçulmano se surpreender o outro. Se não houver surpresa (exemplo: “o muçulmano às vezes é assassino”), ninguém ri. Na frase inicial, muçulmano funciona e quem a receber vai rir.

**P:** E a homofonia?

**MAV:** A homofonia tem muito valor, mas aqui se trata da economia do chiste; é aquilo que é o recalcado de Lacan (se houve alguém que trabalhou homofonia, foi Lacan). Seria o passo-de-sentido (*pas de sens*) que precisa da linguagem como escrita. Há toda uma técnica, um estudo de Lacan sobre o que é necessário para que haja o passo-de-sentido. Se não houver uma passagem da linguagem, do estado oral para o escrito, não há chiste. Aliás, também não há psicanálise.

Vocês encontrarão essa referência sobre, se existe uma técnica da interpretação lacaniana, em Miller, entre outros textos, em *A palavra que fere*<sup>7</sup>: “Existem regras de interpretação? [...] Penso que a interpretação não é uma técnica. Lamento isso. Lamento porque se fosse uma técnica eu poderia ensiná-la. A interpretação não é uma técnica. É, digamos, uma ética”.

Vamos abrir um parêntesis: Os ingleses adoram a ideia de que há uma técnica, que é possível aprender a interpretar. A minha tendência anglo-saxã também adora isso. Mas sabemos o quanto isso está errado. Se assim fosse, haveria uma capacitação para o analista. Brincamos que é só procurar a homofonia e sacudir que vai aparecer um efeito. Isso seria um ensinamento técnico. Bruce Fink<sup>8</sup> fez isso muito bem. Ele mostra como é o atravessar a fantasia, entrar em análise, sair de análise, etc. Aqui entre nós, Antônio Quinet<sup>9</sup> faz isso, numa tentativa de tecnicizar a psicanálise, dando a sensação de que estamos lidando com uma coisa concreta.

O que Lacan fez foi evidenciar que não funciona assim, mas, partir da sua própria experiência em análise, você vai saber fazer. Em termos de ensino, formação, é muito difícil, mas é assim que você será um analista. Aprender a técnica não fará de você um analista, como não fez de Salieri um Mozart:

“Para cada um, sua prática da interpretação é estritamente correlativa à noção que se formou a partir do inconsciente. Inconsciente e interpretação caminham lado a lado. Quando vocês dizem como interpretam, ao mesmo tempo dizem que noção de inconsciente vocês têm. Sua prática interpretativa mostra exatamente em que ponto da elucidação do inconsciente vocês estão” – J-A Miller).<sup>10</sup>

Se Miller tivesse de citar uma técnica, seria a de tomar a linguagem como um texto. Pensem o que está sendo ouvido como escrita, porque aí veremos as homofonias. Poderemos pensar em jogos que não pensaríamos se ficássemos pelo ouvido, no sentido em que se valoriza mais o sentido que o sigte. Toda a teoria do sigte é para isso: valorize mais a materialidade da palavra do que o que ela quer dizer. Valorize a relação entre uma palavra e outra, mais do que o que ela quer dizer.

Aliás, na transcrição da aula anterior, foi colocada a citação sobre método lacaniano, do *Seminário 19*, “Na análise, assim como na lógica, não se deve nunca pular um significante, pois é na medida em que um significante não nos para que compreendemos (e a compreensão é nosso maior problema)<sup>11</sup>”. É um preceito técnico. As palavras têm que nos parar. Cada sigte tem que nos parar. Pular uma palavra é o que entendo por compreensão. Sempre que se compreende, se antecipa, engloba, inclui. E geralmente se pula uma palavra. Então se queremos técnica, esta será a de não pular palavra nenhuma quando ouve. É na medida em que uma palavra não nos para que nós compreendemos, e isso é o pior que pode acontecer a um analista. Essa é a frase de Lacan no *Seminário 19*. Erroneamente, achamos que compreender é ter pegado todas as palavras. Não, na realidade, é ter pegado sempre não todas, porque aí a compreensão é antecipada e a materialidade é um pouco escondida dentro da compreensão.

*Witz* é a materialidade das palavras. A ideia de Lacan é que se retomarmos o livro inteiro do *Witz*, o que veremos será sempre Freud lidando com a materialidade das palavras.

Ex: 2- “A linguagem não consegue dizer o horror que é o atentado”.

Com essa passagem, não dissemos o que é o horror do atentado, porém conseguimos localizar aí alguma coisa do horror do atentado também. Para isso jogamos com a homofonia, que é onde a linguagem se mostra para além dela mesma, onde ela se abre para a multiplicidade de sentidos.

Esse é o passo-de-sentido para Lacan, quando ele fala em para além do sentido. Abrir para a possibilidade, não que a linguagem vá dizer o que é o horror, mas ela pode dizer muita coisa e nessa abertura do possível da significação encontramos mais com o real do que com o que é. Mas para isso precisamos da materialidade de muçulmano. Isso é a ideia de um passo, usando matéria fônica, matéria sigte, tomada como escrita, para que dessa forma seja possível ver as homofonias.

Completando a parte de recapitulação da aula anterior: o que é esse passo? O que é o encontro com essa coisa?

Sabemos que não é o horror do atentado, mas ao mesmo tempo, encontramos uma coisa que tem a ver e ele é o mais real que vamos encontrar. Segundo Freud, esse é apenas um excesso do próprio do sujeito (por ex., do seu ódio, da sua reação que vai se descarregar). Mas isso se apresenta de uma forma que eu quero trazer para vocês, objetal, é o objeto *a* de Lacan. Não é objetal no sentido que tem um objeto, mas há um lugar, tem nome e endereço, consigo mais ou

menos chegar perto dele. O ex. do muçulmano não é bom. É melhor quando aparece uma fabricação verbal bizarra.

Outro chiste, *maionese de salmão*<sup>12</sup>, todos já sabem qual é. Vou fazer uma adaptação: o mendigo está na rua e ele te pede dinheiro para comer, como a menina que pede dinheiro para comprar *trakinas power*<sup>13</sup>. Segue a linhagem de, o que ele quer comer, não é comida. Mas também não é a arte, na leitura de que o ser humano precisa de pão e de poesia. No texto de Freud, ele quer maionese de salmão; ela quer *trakinas power*. É para dizer que tem um objeto nisso, que encarna o gozo que não é nem pão nem poesia, é muito mais, entendem?

A ideia é que o gozo que se apresenta no chiste é um gozo fora do sentido, mas ele tem forma objetual.

Já vi em Contardo Calligaris<sup>14</sup> e podemos transformar isso numa recomendação lacaniana para tratar as pessoas: é um absurdo se reduzir as pessoas a nada quando se dá só o pão. O ser humano se especifica não apenas por demandas; ele tem desejos. Se só satisfazemos as demandas estamos animalizando o ser humano. Não se pode dar só pão para o mendigo, sob pena de trata-lo como nada, como um animal.

**P**– Vi em Barcelona um mendigo com 4 copinhos, à escolha, para receber esmolas: cerveja, maconha, LSD, comida. Isso é um chiste?

**MAV** – Isso é pós-moderno! Isso não é a estrutura clássica do chiste, contrastando com “maionese de salmão”. Estamos usando “chiste” no sentido de engraçado.

A estrutura clássica é assim: Não devemos dar só pão. Devemos dar também outra coisa. Essa outra coisa já entendemos que é uma coisa real, vaga, humana e muito vaga, se dizemos, “tem que dar poesia” (simplificando que o ser humano precisa de pão e circo).

Mas no chiste damos tanto pão, quanto poesia e mais ainda. E não cabe ali, no exemplo do mendigo de Barcelona, mas tem uma forma de objeto. É o que eu nomeio como *trakinas power* ou *maionese de salmão*. A *maionese de salmão* encarna tudo o que é possível desejar para além das demandas (lembrando que poesia também pode ser demanda). No *Witz*, diferente do caso do mendigo de Barcelona, não tem ironia. O muçulmano, por ex., é um chiste clássico.

Segundo Lacan, a tirada espirituosa produz monstros verbais. *Famillionário* também é um monstro verbal, porque junta pão e poesia de uma maneira que não é nenhum nem outro, é muito mais. Esse é o que Lacan chama de chiste metafórico, que apresenta o objeto.

## Chiste metafórico e chiste metonímico

Há duas grandes maneiras de fazer essa passagem, chiste metafórico e chiste metonímico.

No metafórico (por condensação) você coloca em cena uma coisa que é um monstro, mas que é o objeto apresentado. Esse é o seu gozo, o gozo que Freud diria que estava recalcado, o gozo de “comer o presunto sem saber que está comendo”, fingindo que não está sabendo. O gozo de comer *traquinas power*. Você condensa o pão e a poesia e você tem a *maionese de salmão*. Você condensa o judeu reprimido e o liberado e você tem esse aí.

O metonímico é um pouco diferente. Ele funciona por esvaziamento (por deslocamento). É uma coisa que tem a ver com a técnica. Você coloca alguma coisa que não era para estar ali, mas está por contiguidade, isso não dá efeito de encontro, dá efeito de perda. Então, o paradoxal do chiste metonímico é que você precisa perder, perder, perder, para encontrar.

Exemplo de chiste metonímico: “minha sogra caiu do céu. A vassoura dela quebrou”. Onde está o ser que aparece? É a sogra e a bruxa. É uma das duas e as duas, mas eu descobri pela vassoura quebrada.

Pensem: “quando é que eu vou comer *maionese de salmão*?” O outro comendo presunto e aqui, minha sogra caiu do céu porque a vassoura dela quebrou. É preciso um tempo, um tempo de derrealização para você pegar. São duas maneiras de chegar no chiste.

Exemplos:

Lacan, no *Seminário 5*, cita o exemplo de um sujeito que escrevia no jornal na época, notícias de três linhas. As notícias eram tão abreviadas que dão esse efeito de metonímia. Lacan comenta várias. A que eu me lembro agora era assim: fulano, da cidade tal estava acompanhando um enterro, porém naquele dia não chegou ao cemitério, a morte o pegou no caminho. Isso é um chiste metonímico. Você ri do efeito de estranheza<sup>15</sup>.

Outro exemplo é de Freud, do condenado à morte, citado mais de uma vez<sup>16</sup>. Na anedota, é segunda-feira e, diante da chegada dos algozes que o conduzirão ao patíbulo, o criminoso exclama: “é, a semana está começando otimamente”.

Vamos fazer o exercício de tomar alguns exemplos equivalentes, para nos banharmos no chiste metonímico, para pegarmos bem a ideia. São frases tiradas da internet. São frases curtas, assim como o chiste metonímico que Lacan cita. É um chiste numa manchete, onde um acidente deveria ser descrito em 3 linhas (fica uma coisa estranha). O chiste metonímico tem esse efeito de desrealização para encontrarmos o objeto.

**P-** Jacó vai colocar um anúncio no jornal. - Gostaria de colocar uma nota fúnebre sobre a morte da minha esposa, Sara, diz ao atendente. - Pois não, quais são os dizeres? - Sara morreu! - Só isso? - espanta-se o rapaz. - Sim, Jacó não quer gastar muito. - Mas o preço mínimo permite até 5 palavras. - Então coloca: “Sara morreu. Vendo Monza 94”.

**MAV** – vejam que há uma desrealização. A morte da Sara perde a importância, mas ao mesmo tempo tem alguma coisa ali da ganância dele que se apresenta muito mais forte.

Ficamos com o chiste da Priscila. Você vai colocando coisas por contiguidade e desrealiza as essências (toda essência é uma metáfora). Quando eu digo que uma pessoa é um leão, eu estou sabendo qual é a sua essência violenta. É a metáfora que dá sentido às coisas. A pessoa corajosa é um leão. Quando eu coloco leão, entre corajoso e leão (entre as duas palavras), eu tenho a sensação que eu disse a verdadeira bravura. Isso é o chiste metafórico.

No chiste metonímico, você perde a essência. Quando perde a essência, ganha gozo, mas passa por um momento de perda, de surpresa (porque o gozo não tem a ver com a essência). No caso da metáfora o gozo se apresenta no ser monstruoso, que não tem a ver com a essência. É quase que uma nova essência. No caso da metonímia, perde-se a essência e ganha-se gozo.

**P-** Assim como na morte da Sara?

**MAV-** Não. Colocar no mesmo lugar, morte e venda. São notícias completamente diferentes em termos de essência. Em termos de metonímia, você colou as duas. A não ser que se leia como metáfora. Você pode fazer a leitura que, a verdadeira essência do judeu é que ele não liga para a morte da Sara. Ele só está interessado em vender. Nesse caso, você fez valor metafórico. Os dois são algo do gozo, os dois são algo do desejo só que por caminhos um pouco diferentes. Eu estou tentando acentuar a diferença. Nesse caso, é um caminho pela desrealização; você pode pensar que o judeu é um monstro. Você consegue recuperar a metáfora aí. Você pode até, no final de um chiste metonímico, sair com uma metáfora, mas o chiste metonímico em si, desrealizou o mundo e não realizou. Inclusive Lacan escreve a fórmula da metáfora:

Metáfora:  $\frac{S}{S}$  (+)

Metonímia:  $\frac{S}{S}$  (-)

Se na metáfora, você ganha sentido, a sensação de uma essência (disse uma coisa que não tinha sido dita), na metonímia parece que nada tem valor; só que nos dois casos, tanto na metáfora, quanto na metonímia, há um ganho de gozo. Na metonímia, a partir do não valor, se encontra uma coisa que está, nessa época, para além da linguagem. Ganha-se alguma coisa que é o resto de tudo isso, no nosso jargão, objeto *a*. No chiste metonímico também se ganha, só que na metonímia é mais difícil de ver (na metáfora é mais aparente).

**P** – Será que teríamos rido da piada se não fosse um judeu?

**MAV** – Nos dois casos, para rir, tem de se “pertencer à paróquia”.

Não existe metonímia pura e não existe metáfora pura. Elas são as funções fundamentais para a linguagem trabalhar com o sentido. É como se, a metonímia fosse o jogo do futebol e a metáfora o gol. Não dá para ter futebol sem os dois.

Chiste metonímico, chiste metafórico, os dois são uma recuperação de gozo. E isso é conseguido por uma espécie de entrada numa dimensão da linguagem que está para além dela mesma. Essa coisa para além da linguagem, como Lacan trata no *Seminário 5*, no *Seminário 10* será um resto da linguagem, em vez de um “para além” (que é muito grandioso, muito religioso). O que vai para além de, você vai encontrar sempre como aquilo do chiste que caiu do chiste: o objeto do chiste é uma coisa que caiu da intensão ou dos pensamentos do chiste. Foi produzido como resto e quando ele é produzido como resto nós o vemos como causa.

Exemplo: *Maionese de salmão* seria o quê, entre pão e poesia? A única coisa que não pode entrar é *maionese de salmão*. Pode entrar poesia e pode entrar pão. Isso é o resto da impossibilidade que aquela piada está trazendo. Colocando em outros termos, o que faz a operação da psicanálise é trazer o recalcado que é o resto daquilo que o ego diz.

Exemplo: “É preciso dar lugar a todas as minorias. Todos têm direito à felicidade!”.

Nesse caso, se você conseguir apresentar uma coisa que não é nem minoria, nem não é, esse é um resto desse discurso.

Estou tentando passar da ideia do *gozo de um para além* para uma ideia de um *gozo como resto*, que nos levará ao objeto *a*.

**P**- E outras formas de humor?

**MAV** – Depois que fecharmos o *Witz*, o *Witz* metonímico e o metafórico, aí podemos ver outras formas de humor. O que Freud chama de humor, não é chiste. O que ele chama de cômico não é chiste. O que ele chama de *nonsense*, também não é chiste. Existem várias outras coisas que estão funcionando hoje para rirmos. E essas outras coisas não usam objeto. Você não consegue ter essa impressão de alguma coisa que está ali - seria essa a tese. Embora não seja para hoje, estamos marcando encontro com o cinismo, com a ironia, com o que nos faça rir hoje. Podemos também, nos 15 min finais, fazermos uma chuva de pós-modernidade, mas ainda não vamos teorizar sobre isso.

Acho que o para além do gozo que foi recuperado como objeto metonímico e objeto metafórico, vocês não conseguiram vê-lo como resto ainda. Mas será preciso, para seguirmos. Lembrem que a grande polêmica é que hoje em dia não há mais resto? E que quando a pessoa fala “eu sou invisível”, ela não é mais resto? Então, temos de conseguir entender na piada que há um resto que surge e é esse resto que nos faz rir.

Nos exemplos que vimos até agora: o muçulmano é o resto da ideia de que há cristãos, muçulmanos e terroristas. O terrorista não é resto de cristão e muçulmano. O terrorista é apenas uma categoria a mais. O muçulmano que não erra o alvo é um ser aberrante, que é aquilo que esse discurso não consegue dizer e que é exatamente o que está por trás desse discurso, ou aquilo que é a verdade desse discurso, que há pessoas que não erram o alvo, por exemplo. E essas pessoas são muçulmanas.

## Cracóvia

O chiste metonímico de Freud que eu havia pensado era:

“Dois judeus se encontram num vagão de trem em uma estação na Galícia. “Onde vai?”, perguntou um. “À Cracóvia”, foi a resposta. “Como você é mentiroso!”, não se conteve o outro. “Se você dissesse que ia à Cracóvia, você estaria querendo fazer-me acreditar que estava indo a Lemberg. Mas sei que, de fato, você vai à Cracóvia. Portanto, por que você está mentindo para mim?”.<sup>17</sup>

**P** – Nunca entendi esse chiste!

**MAV** – É que tem uma coisa de se perder. De repente o mundo não faz sentido, e aí você ri disso. Há um parentesco entre o chiste metonímico e a ironia. Por que você não entendeu? O senso comum judeu é que nunca se diz a verdade. Então você nunca vai dizer para onde está indo (e o outro judeu sabe disso). Só que aí, o procedimento de não dizer, que traria um ganho de gozo, se volta contra ele mesmo porque, quando ele não diz, o outro entende que ele está dizendo para não dizer. A realidade inicial se perdeu. A realidade seria, “ele sempre mente, para ninguém saber suas verdadeiras intenções”, mas ninguém mais sabe quais são as verdadeiras intenções, se desmontou tudo.

**P** – Faltou eu ser da paróquia.

Outro exemplo: Um sujeito cristão chega para um sujeito judeu e pergunta uma forma de ganhar dinheiro, inclusive, pagando por ela. O Cristão vai ao consultório do judeu para saber como ele ganha dinheiro com psicanálise. Judeu: “primeiro, tem de ler todo Lacan”. Em outra consulta, “agora tem de ler todo Freud”; e assim as consultas se sucedem (e enquanto isso, o cristão está pagando pelas consultas). Até que, ao final de um ano, o cristão diz: “mas eu não estou ganhando dinheiro nenhum e você não me ensinou nada, só me mandou ler!” O Judeu responde: “mas... eu não estou ganhando dinheiro?”

É isso o chiste metonímico. Não se pode dizer que o judeu não está ensinando como ganhar dinheiro com psicanálise, porque ele está ganhando dinheiro com psicanálise. Não se pode dizer que existe, porque na verdade ele não está ensinando nada, está somente lucrando com a situação. Esse é o gozo que recuperamos. Esse é o objeto  $\alpha$ : esse ensino da psicanálise que não sabemos o que é e que, a cada vez que tentamos definir o que é, ele vai cair como resto.

A psicanálise lida com um gozo que é sempre aquele que é o resto do discurso. E temos de dar um valor forte ao resto. Resto não é aquilo que eu queria dizer e não tive coragem de dizer. Resto é aquilo que é impossível para aquele discurso dizer. Quando o impossível passa ao dizer esse é o passo-de-sentido. E aí o discurso gira. Essa é a estrutura do discurso analítico. É o Discurso do Mestre, que é o discurso habitual: eu quero dizer, eu digo. E eu sempre tenho a sensação que ainda não disse. Mas às vezes, a verdade desse discurso é que há qualquer coisa que condiciona sua rotatividade, só que não é dita, ela é produzida como excrescência, como resto. Só vemos isso quando colocamos o discurso analítico. É esse resto apresentando-se.



$$\frac{S1}{\$} \rightarrow \frac{S2}{a}$$

P- Por que Freud explica tanto os chistes, se esse excesso de explicação faz com que o chiste perca a sua essência?

**MAV-** A psicanálise é aquela prática bizarra, estranha na humanidade, em que você usa a mesma coisa que a piada usa, só que você sabe o que está acontecendo e na piada não é para saber, senão perde a graça. Pegando o que você falou no início, para que explicar? Por que teorizar sobre o *Witz*? Porque a interpretação analítica tem a mesma estrutura do *Witz*. Se queremos aprender a interpretação, queremos ver acontecer e vamos saber rir. Se você disser que quanto mais explicamos a interpretação psicanalítica, menos sabemos fazer, aí eu acho que não é psicanálise, é outra coisa. Porque a psicanálise seria justamente aquela coisa estranha – que para Freud, estaria entre pesquisa e terapêutica- em que você se acolhe a maneira como a linguagem produz surpresa para produzir surpresa.

## Posição de objeto

No ano passado quando utilizamos a frase de Miller, “o analista faz da sua posição de objeto, uma prática”. O que seria uma posição de objeto no tema de hoje? Aquele bobo que ri das piadas, que ri depois<sup>18</sup>. O analista seria esse, que faz disso uma prática. Para fazer disso uma prática, tem de aprender a ser loura burra, o que não é fácil.

Como diz Lacan, o analista tem de ser besta, *bête* (Seminário 24, *L'insu que sait...*), não tem de ser poeta, não tem de ser gênio. A psicanálise seria uma prática em que você usa a dimensão de surpresa da linguagem, a dimensão que a linguagem tem para dizer o que não se pode dizer sem dizer, você se apropria disso. Como? Fazendo o papel do terceiro que ri, por exemplo, no caso do chiste.

Você não se apropria explicando a piada (vai perder a graça), você não se apropria fazendo piada, você se apropria sendo aquele que acolhe esse gozo que está em mim e por isso, esse gozo volta para você. Isso produz efeito de interpretação, mais ou menos isso. Isso com o chiste. Nós teríamos de fazer isso com cada formação do ICS.

A posição de objeto do analista, não é que ele seja passivo, um traste. A posição de objeto do analista é que ele é como o objeto. A *maionese de salmão* para ele é alguma coisa. Ali, naquele lugar, aquilo tem lugar. Não é que faz sentido. Tem lugar. Na análise tem lugar a *maionese de salmão*. Tem lugar a judaidade, etc.

“(...) fazer da sua posição de objeto uma prática”. Então, você vê que tem objeto, a posição de objeto, resto e a causa é isso no discurso analítico. O resto é aquilo que aquele discurso não diz, o impossível de dizer daquele discurso. Isso que provoca o efeito de graça e subversão. Por isso que no discurso analítico, é ele que age - no discurso do mestre ele não age nada, é só produto recalçado.

Esse gozo acolhido e colocado como objeto, produz um efeito de subversão, que seria o efeito próprio da interpretação analítica.

Nos cabe agora pensar o que seria subversão, porque agora entramos na parte política, saindo da parte clínica, clássica. Aí, vocês conseguem visualizar o efeito de subversão de uma piada? Uma piada em análise ou a estrutura do chiste em análise?

E pós-moderno, então? Estão vendo o efeito de subversão? Eu desenhei essa subversão com efeito de separação /alienação que reconfigura um pouco o ego. Um efeito de alienação, um efeito de separação, segundo metonímia ou metáfora: o efeito do chiste metonímico é um pouco de separação. O efeito do chiste metafórico é de alienação. De qualquer maneira se encontra alguma coisa desse gozo pelos dois caminhos – essa é a subversão lacaniana, uma interpretação lacaniana.

Nós poderíamos parar um tempo para pensar essa subversão no social. Podemos ver isso no próximo encontro: quais são os efeitos políticos do chiste.

Só que nossa ambição é maior ainda: Não é apenas ver quais são os efeitos políticos do chiste, mas o que é uma sociedade sem chiste. Os efeitos de riso não são pela tônica do chiste. Seriam pela ironia, por outras coisas.

Exemplo: a condenação de 9 meses e meio, que fazem uma alusão aos dedos do Lula.

## O riso sem objeto

O Rodrigo Souza Leão é um exemplo para ter um psicótico que faz graça para ter um caso que não é um caso. Mas teria também os casos de *Arcachon*<sup>19</sup>, os dois que eu sugeri no meu texto, dois pequenos casos de esquizofrênicos engraçados. Isso seria para pensarmos sobre o valor político da ironia, para distinguir do *Witz*. *Witz* não é ironia. Eu posso ter um *Witz* cético, como Freud chama o chiste metonímico. Mas ele não é ironia.

Agora vamos ter que definir ironia. É outro trabalho, nós iremos sem pressa. Mas só para termos uma coisa intuitiva, por exemplo, o que descrevemos a seguir (essa estrutura é muito típica de graça no facebook).

**P-** O paciente chegou rindo na sessão, com o celular aberto porque tinha recebido isso: a matéria era: “Branco usam cota para negros e entram para o curso de medicina da UFRG - qual o problema disso? Talvez ele seja um transracista, um negro preso no corpo de um branco, se é normal que um homem seja tratado por mulher por não aceitar seu corpo biológico, por que não um branco possa ser considerado negro por não aceitar sua cor? Se é para esculhambar, que se esculhambe geral. Inclusive exijo ser tratado como celebridade embora tenha nascido um mero desconhecido”<sup>20</sup>. O paciente ria às gargalhadas.

**MAV** – Intuitivamente, parece chiste ou não?

**P-** Não.

**MAV** – Parece que é só inversão, inversão, inversão. Nós não chegamos ao mínimo de definição do chiste? Então estamos em condição de dizer o que não é chiste. Vamos só dizer porque não é *Witz*. Quem consegue?

**P-** Não deveria ter um curto-circuito que se realiza aí?

**MAV** - O curto-circuito é o outro nome do objeto. Isso não tem objeto, não tem objeto resto, mas você diz que é por curto-circuito. O que você quer dizer com “curto-circuito”?

**P** – Isso não é a mesma coisa que a capa da revista Veja? “Se não existe racismo, para que existem as cotas?”.

**MAV** – o problema é que já está no ar “se você perder a diferença entre negro e branco vai virar bagunça”. Eu não sei se o caso da paróquia do judeu é igual. Já existe, de partida, toda uma tese colocada. Ninguém está fazendo uma tese sobre o judeu. Você está partindo de solo comum. Se vocês procurarem isso que estão chamando de cinismo, a tese já está inteira. Isso é só uma maneira de você exibir a sua tese pelo absurdo. O que você está dizendo é: “o mundo está perdido. A cota acredita que a raça é autodeclarada. Se a raça é autodeclarada, se o

performativo da raça for um fato, nós não temos mais como fazer, todos os espertalhões vão se dar bem, porque a autodeclaração não tem nenhum valor de real”. Tudo dito desde o começo.

Se compararmos, o chiste, não parte de uma tese. Parte de uma espécie de fundo comum e do impossível desse fundo comum, do impossível de se dizer. No exemplo, não há nenhum impossível de se dizer, já está dito. Podemos com a primeira diferença?

Vamos fazer uma conexão: quando estávamos falando sobre o ódio, estávamos falando de uma ideia de um outro gozo, que esse gozo, aquele fulano tem e por isso, você tem que tirar ele de lá. É parecido, por exemplo, com você querer matar alguém no trânsito; estamos querendo chegar intuitivamente dizendo que esse outro gozo não é o objeto lá. É outra coisa, falamos aqui de uma coisa sem objeto, um ódio que se dirige sem limites; e Também falamos do ódio lúcido que se dirige a um ponto, à ferida. Esse é o resto, esse é o que não pode dizer.

Estamos agora tentando usar o exemplo do ódio, O que o chiste faz é pegar aquilo que aquele discurso não pode dizer e dizer. O que o ódio faz é pegar aquilo que o discurso não pode dizer e dizer. Só que em um, você se reconfigura e ri. No outro você é destruído por aquilo que você não podia suportar ouvir. Mas, nada disso é pós-moderno. Isso é o que chamamos de objeto  $\alpha$  em função. Estamos começando para tentar chegar na pós-modernidade, que não tem objeto. Vamos ver até onde podemos chegar.

Vamos tentar outros exemplos? Do que vocês riram recentemente na internet? O teste é só para vermos se é chiste ou não é.

## Cinismo e ironia

**P-** Eu pensei em um exemplo que não é muito engraçado, mas como se falou da ideia da tese e aí esse seria uma espécie de tese do bem. Na imagem tem um efeito um pouco mais de riso: “o cérebro é o órgão mais importante do seu corpo, de acordo com o cérebro”.

Tem uma tese que sacaneia o cognitivismo, por exemplo. Ao mesmo tempo me parece alguma coisa que talvez tivesse a estrutura de chiste. É um meme que talvez consiga um efeito de subversão do cognitivismo, muito maior de muitos *papers* que não leva em conta uma coisa do ser humano, etc, etc. Ele tem essa mesma circularidade, ele vai se desfazendo por si mesmo.

**MAV** – Isso é exatamente o que há pouco chamamos curto-circuito. Eu diria intuitivamente que nesse caso tem o curto-circuito que falamos. Agora, tem razão, começa com uma tese. Eu usei isso como diferença, porque no exemplo do transracional a tese já estava toda lá. Talvez seja essa a diferença.

No exemplo anterior, se pode trocar de sexo, de tudo, também quero trocar! Aqui temos um paradoxo, pelo menos, o cérebro é que diz que ele é o mais importante. Quem é que diz que ele é o mais importante? Ele mesmo. Então tem a ideia de um curto-circuito que produz uma espécie de *looping* aí e essa seria uma marca do *Witz*. Lembrem que eu falei que curto-circuito é o nome do objeto  $\alpha$ .

Peguem o chiste *Cracóvia/ Lemberg*. Não é a mesma coisa quando você diz : Por que você disse que ia... quando chega no final, você desrealizou, mas você encontrou alguma coisa. Aqui eu desrealizei a primeira tese, porque é o cérebro que está dizendo e no final eu acabei com alguma coisa que eu não sei bem o que é. Agora, comparando com o paciente rindo, está parecendo um chiste metonímico. Eu não desrealizei nada. Eu realizei a minha tese quando eu digo que a minha tese é que o mundo está desrealizado. Então, todo mundo pode fazer tudo e esses caras só querem gozar com conosco. Agora sou eu que vou gozar. Não parece ter a mesma estrutura, intuitivamente.

Vamos ficar com a ideia que esses exemplos de hoje, tendemos a chamar de cinismo, ironia, humor negro, uma espécie de desrealização generalizada e que aparenta ter alguma graça pelo absurdo. E vamos comparar, sempre que possível, com o chiste – talvez tenha isso tudo no chiste, mas acho que dá sempre para localizar o objeto resto de alguma maneira. Ele se apresenta sempre ou como monstro verbal ou como aquilo que cai para que o mundo fique desrealizado (que depois é recuperado, no caso, na metonímia e na metáfora).

A nossa ideia é atravessarmos todas as formações do INC para ir pegando esse objeto e pouco a pouco e ir contrastando também com o que hoje acontece, que a princípio não é a função do objeto  $\alpha$ , essa que a princípio tentei passar hoje como *Witz*.

Continuaremos com o *Witz* na próxima, lembrando que essa ideia da função do objeto  $\alpha$  é o que faz talvez, a não função da causa e a não função do resto é que faz com que hoje, da nossa posição de objeto, tenhamos que ser responsáveis. Temos de ser responsáveis quando não era necessário – o judeu que coloca o anúncio da Sara, não tem de ser responsável, ele ri, ele é o terceiro, ele não tem nada com isso, só ri. Hoje você não pode mais rir e não ter nada com isso porque não existe mais essa a função do objeto coletivizado. É outra coisa. Por isso que quando aparece o objeto, ele não é mais o objeto  $\alpha$ , ele é outra coisa.

Tragam exemplos de chistes, memes. E veremos se tem objeto ou não tem - não é objeto a pessoa que é xingada (isso tem sempre). O objeto é esse que é aquilo que não podia ser dito e foi. Não podia ser dito para o próprio discurso do *Witz*.

O chiste é aquilo que não podia ser dito e é dito; e mesmo assim continua não sendo dito. Isso é que é difícil de encontrar nessas coisas de hoje (a notícia dos brancos, por exemplo).

Leiam Rodrigo Souza Leão que é alguém com quem vocês poderão rir de uma maneira do bem, e ao mesmo tempo você não consegue encontrar a função do objeto (ele escreve de um jeito que nós costumamos chamar de ironia esquizofrênica e que é engraçado, mas não consegue achar a função do objeto). A hipótese seria que hoje, estamos todos em uma espécie de ironia esquizofrênica. Ficamos por aqui.

---

<sup>1</sup> Segundo Miller, em seu texto Para Ler o Seminário 5.

<sup>2</sup> Temos de acertar os termos: moderno quer dizer velho, pós-moderno quer dizer contemporâneo; moderno é séc. XIX. Moderno é que tinha a pretensão de fazer revolução; moderno é Baudelaire, Benjamin. Pós-moderno: “ah, já não sei mais nada”, pós-moderno é “o seja o que Deus quiser”.

<sup>3</sup> Ver *O Chiste e sua relação com o inconsciente*. FREUD, 1905. Cap. II: A técnica dos chistes.

<sup>4</sup> Ver *O Chiste e sua relação com o inconsciente*. FREUD, 1905. Cap. III: Os propósitos dos chistes.

<sup>5</sup> Ver Capítulo V – O Pouco-Sentido e o Passo-de-Sentido; in : *O Seminário livro 5 – As Formações do inconsciente (1957-1958)* / Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; [tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira]. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999

<sup>6</sup> É um absurdo querermos dizer o que é um papagaio, mas passamos a vida achando que sabemos o que é um papagaio, de repente aparece o papagaio-coruja, o “paruja”.

<sup>7</sup> [http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/10/a-palavra-que-fere-jacques-alain-miller\\_19.html](http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/10/a-palavra-que-fere-jacques-alain-miller_19.html)

<sup>8</sup> *Fundamentos da Técnica Psicanalítica: uma abordagem lacaniana; Introdução Clínica à Psicanálise Lacaniana*.

<sup>9</sup> *As 4+1 condições de análise*.

<sup>10</sup> [http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/10/a-palavra-que-fere-jacques-alain-miller\\_19.html](http://lacanempdf.blogspot.com.br/2017/10/a-palavra-que-fere-jacques-alain-miller_19.html)

<sup>11</sup> In: *O saber do analista*, encontros que Miller decidiu publicar, em parte, justamente com o *Seminário 19*.

<sup>12</sup> ‘Um indivíduo empobrecido tomou emprestado 25 florins de um próspero conhecido seu, após muitas declarações sobre suas necessitadas circunstâncias. Exatamente neste mesmo dia seu benfeitor reencontrou-o em um restaurante, com um prato de maionese de salmão à frente. O benfeitor repreendeu-o: “Como? Você me toma dinheiro emprestado e vem comer maionese de salmão em um restaurante? É nisso que você usou o meu dinheiro?”. “Não lhe compreendo”, retrucou o objeto deste ataque; “se não tenho dinheiro, não posso

---

comer maionese de salmão; se o tenho, não devo comer maionese de salmão. Bem, quando vou então comer maionese de salmão?” (Freud, *O Chiste e sua relação com o inconsciente*).

<sup>13</sup> “A menina: Me dá dinheiro para comprar comida? MAV: me diga o que você quer comer que eu compro para você. Menina: Trakinas power!”.

<sup>14</sup> “A humanidade dos mais desprovidos se refugia e resiste justamente na capacidade de continuar desejando o supérfluo” (O Mendigo, Contardo Calligaris; Folha de São Paulo, 09/04/2014).

<sup>15</sup> *Seminário 5*, p. 84: “O que provoca o riso? Temos aí fatos conotados com um rigor impessoal e com o mínimo possível de palavras. Eu diria que a arte toda consiste, simplesmente, na extrema redução. O que há de cômico, quando lemos que “*Atrás de um féretro ia caminhando Mangin, de Verdum. Não chegou, nesse dia, ao cemitério. A morte o surpreendeu a caminho*”, não concerne de modo algum ao caminhar que é o de todos nos para o cemitério, sejam quais forem as diversos métodos empregados para percorrer esse trajeto. Esse efeito não apareceria se as coisas fossem ditas de maneira mais extensa, ou seja, se tudo isso estivesse afogado num mar de palavras”.

<sup>16</sup> “Os chistes e sua relação com o inconsciente” (Freud, 1905), reaparecendo no ensaio “O humor” (Freud, [1927] 1980, p. 189).

<sup>17</sup> *O Chiste e sua relação com o inconsciente*; Freud, v. VIII, 1905.

<sup>18</sup> Como “a loira” que ri três vezes da mesma piada: quando a ouve, quando você explica a piada e finalmente quando compreende a piada.

<sup>19</sup> “A conversa de Arcachon”, de 1997, da qual resultou o livro, publicado com o título *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica* (Jacques-Alain Miller).

<sup>20</sup> Postado na página do seminário A psicanálise do fim do mundo (e sua clínica) no facebook no dia 17 de maio de 2018.